Antigas Famílias do Sertão

MONS. FRANCISCO COUTO

O título curioso que encima a presente crônica, deve-se à descoberta nossa de um instrumento histórico precioso, datado dos princípios do século 18. Trata-se de um têrmo de assentamento de Batisado da Paróquia do Icó, a segunda em terras cearenses, criada que foi nas eras de 1720.

No seu conteúdo, como logo mais constataremos, há notícias positivas de patriarcais Famílias sertanejas, pioneiras, que foram, da nossa civilização oriental. O interesse, que temos, de publicar fatos de nossa gênese sócio-cristã e a colaboração, que devemos dar à História do nosso querido Ceará, são os motivos principais dêste rápido esbôço cronológico.

Queremos, de início, transcrever, ipsis litteris, na grafia colonial, o documento, em aprêço: — "Antonio filho legítimo de Francisco Pais e de sua mulher Mariana Pais todos escravos do Sargento Mor Manoel Peyxoto da Sylva, morador que foy no Lugar da fazenda Curralinho: nasceu em doze de Fevereyro do anno de mil setecentos e doze, e foy baptizado em vinte e dous do dicto mes de Fevereyro e do mesmo anno no Lugar do Curralinho pello Padre João de Mattos Serra, Vigário que então era no Ciarâ: forão Padrinhos o Coronel João da Foncequa Ferreyra e sua filha Sicilia da Foncequa, do que para constar fiz este asento em virtude dehú dyspacho do Muyto Reverendo Doutor Vigario da Vara, que assina // Padre Domingos Salgado Mota, Cura e Vigario da Vara do Icó // """(LIVRO DA PARÓQUIA DO ICÓ, N.º 6, FÔLHAS 90) O documento é de Fevereiro de 1712.

Sob as luzes dêste têrmo de Batisado e de outras fontes históricas, paralelas, coevas, iremos abordar as personagens coloniais, suscitadas.

PADRE DOMINGOS SALGADO MOTA. Exercia, então, além das funções de Pároco, as de Vigário da Vara, terminologia esta que equivale à de Vigário Forâneo de nossa atualidade. Por despacho, ordenou ao amanuense da época, Junho de 1767, a fazer o lançamento do Batisado, realizado, em Fevereiro de 1712.

PADRE JOÃO DE MATOS SERRA. Era o famoso Cura e Vigário da Vara da Freguesia de São José de Ribamar do Aquiraz. Também, o Prefeito das Missões dos INDIOS da Capitania e Vigário Geral. Português. Sua nomeação para tais funções pelo Bispo de Olinda-Recife, D. Frei Francisco de Lima, Carmelita, deu-se em 1698.

No decorrer dos anos de seu Paroquiato, andou, diversas vezes, pela hinterlândia cearense. Assim é que pacificou e situou os Tapuias Quixelôs e Icós e outras tribos, nas eras de 1700 e 1707.

Em 1701, por ocasião de suas contínuas jornadas missionárias, ele e mais alguns sócios tornaram-se titulares de Fazendas de Gados, no Riacho das Pedras, onde os Gentios Icós e Cariris, confederados, mataram os Homens do Rio de São Francisco.

Tal Riacho é o antigo Oriabebú do Tapuia, hoje Riacho do Sangue. Os Homens do São Francisco foram os primeiros desbravadores do sertão do Médio e Alto Jaguaribe, imigrados, aqui, nas eras de 1682, sob a égide da célebre Bandeira do Capitão Bartolomeu de Nabo Correia.

Em 1712, Fevereiro, de novo no interior, em função de seus encargos eclesiais, e, entre êstes, o de fundar Missões de Aldeias de Índios. Comprova-nos a sua presença, o assentamento paroquial, coevo.

Em Abril de 1717, andou às trelas com os Camaristas da Vila de Aquiraz, por motivo da mudança da séde da Freguesia. A Câmara do Aquiraz fez, então, ao Govêrno do Bispado de Pernambuco, uma representação contra o Vigário João de Matos Serra, que, à reclamação feita para vir residir no Aquiraz, respondeu que lhe parecia ridículo andarem as Relíquias Sagradas atrás do Pelourinho.

E, assim, é que o ORATÓRIO dos Soldados do Forte de Nossa Senhora da Assunção (hoje Fortaleza) servia de Séde-Matriz da unica, então, Freguesia do Ceará.

Convém notarmos que até 1720, no Ceará, só havia uma Paróquia, a de São José de Riba-mar do Aquiraz, com sede de Matriz, em Fortaleza. Garantem-no-lo os melhores historiadores e cronistas cearenses, entre êles, Antônio Bezerra, Barão de Studart, João Brígido, de quem nos servimos, no presente estudo.

SARGENTO-MOR MANOEL PEIXOUTO DA SILVA. Tronco da Família Távora. Foi um dos pioneiros da colonização jaguaribana, ao lado de João da Fonseca Ferreira, Domingos Paes Botão, Francisco de Montes e Silva, Manoel Pinheiro do Lago. Dêste último e de sua descendência, por pedidos de ilustres membros da Família Pinheiro, estamos, no momento, fazendo coleta de dados genealógicos.

A crônica sesmeira e eclesiástica da época é rica de referências, que comprovam a historicidade dessas respeitáveis figuras coloniais do Ceará.

O Sargento-mor Peixouto, Paes Botão e Fonseca Ferreira, conforme documentação d'antanho, achavam-se ligados por parentesco de afinidade. Alguns documentos, para elucidação do nosso asserto, vamos citar linhas abaixo, na grafia e estilo da atualidade, para melhor compreensão das presentes gerações:

6 DE JANEIRO DE 1738: — Nêste dia, o Padre Cristovão Farias da Fonseca, Capelão da Igreja de Nossa Senhora das Candeias de Jaguaribe-Merim, batizou uma criança, cujos Padrinhos foram: — O Tenente Coronel Miguel de Melo e Maria da Fonseca, filha do Sargento-Mór Manoel Peixoto da Silva. (Livro Paroquial do Icó, n.º 1.º, folhas 35).

25 DE DEZEMBRO DE 1763: — Batismo, nesta data, de JOÃO, na Capela do Rosário, Cidade do Icó, feito pelo Reverendo Padre Frei José do Rosário, da Reforma de Nossa Senhora do Carmo, Carmelita de Pernambuco. PAIS: — O Licenciado Miguel da Silva, natural da Freguesia de Santiago do Castelo da Viana, Arcebispado de Braga e sua mulher Teresa de Jesus, natural da Freguesia do Icó. AVÓS PATERNOS: — Domingos Alvares e sua mulher Joana da Silva, naturais da Freguesia de Santiago do Castelo da Viana, Arcebispado de Braga. AVÓS MATERNOS: — Manoel Peixouto da Silva, natural de Portugal (Cidade de Távora) e sua mulher Genoveva de Assunção, natural do Rio de São Francisco. NASCEU aos 1 de Setembro de 1763. PADRINHO: — O Reverendo Doutor Padre Veríssimo Rodrigues Rangel"" // Padre Domingos Salgado Mota, Cura e Vigário da Vara do Icó // (Livro Paroquial, N.º 44, fôlhas 301).

O Padrinho do João exerceu as altas funções de Visitador Diocesano na Capitania do Ceará, de 1760-1767. Possuía o título de Doutor em Cânones pela Universidade de Coimbra. E era, na data, Vigário Colado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, das Alagoas.

FAZENDA CURRALINHO. Chantada em terras, do Município de Jaguaribe ainda existe. E foi o berço primevo da ilustre Família TÁVORA, radicada, hoje, em diversos Estados da União e a quem dedicamos o presente estudo genealógico. Sua gênese positiva.

Coronel João da Fonseca Ferreira. Domingos Paes Botão. Cel. Francisco de Montes e Silva. A crônica dessas simpáticas e heróicas figuras do nosso sertão colonial acha-se, amplamente, relatada na "MONOGRAFIA HISTÓRIA DO ICÓ, de 1682 a 1728", publicada em 1962.

Mesmo assim, eis alguns fatos da vida do Coronel Fonseca, de quem nos fala o termo de Batisado de Fevereiro de 1712, na Fazenda Curralinho-Jaguaribe. O Fonseca fez CASA FORTE no Sítio Jaguaribe-Merim, para defesa sua e dos habitantes contra ataques e

pilhagens dos Índios Tapuias. Assistiu sempre, com sua pessoa, com muitos homens à sua custa, nas guerras contra os Índios revoltados e confederados contra os brancos.

Perdeu muitos gados roubados pelo Gentio Bárbaro. Foi o fundador do Icó de Baixo (o Velho), edificado na passagem da Fazenda Bom-Sucesso, uma légua abaixo do atual Icó, fundado, em 1708, pelo Coronel Francisco de Montes e Silva.

Em 1696, o Fonseca recebeu uma Carta Régia, aceitando e agradecendo a oferta que fizera de suas terras para uma Aldeia de Tapuias no Jaguaribe. O Rei prometeu, também, uma ajuda para a construção de uma Igreja e auxílios aos Missionários, que se empregarem na dita Missão. Foi amigo dos Feitosas contra os Montes, na célebre questão familiar, de que tanto nos fala a crônica alencarina.

O presente relato de eventos primeiros de nossos pagos sertanejos acha-se fundamentado nas Sesmarias Cearenses, na Documentação Eclesiástica e Fontes outras da nossa querida Terra da Luz.

Conclusão: — O patrimônio histórico, que temos, com todos os seus efes-erres, custou aos nossos antepassados, suor e sangue. Conservá-lo, aprimorando-o, é um dever nosso.

IGUATU, 13 de março de 1967.